

Novas perspectivas para uma reflexão sobre as teorias do jornalismo¹

Carlos FRANCISCATO²
Universidade Federal de Sergipe, SE

Resumo

O objetivo deste trabalho é indicar uma forma de conduzir a discussão sobre a solidez, densidade, convergência, disciplinaridade ou cientificidade dos estudos em jornalismo executando um esforço de ampliar o olhar sobre esse corpo de conhecimento, sua constituição e configuração. Para isso, realizaremos uma aproximação com autores do campo da história e da filosofia da ciência, na busca de contribuições que possam nos auxiliar a caracterizar os estudos de jornalismo. Traremos em discussão três importantes autores, suas premissas e propostas: Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Larry Laudan. Este *paper* é um trabalho de natureza especulativa e conceitual, executado na forma de pesquisa bibliográfica sobre trabalhos de referência destes autores e de obras em jornalismo.

Palavras-chave: teorias do jornalismo; história da ciência; interdisciplinaridade.

Introdução

A construção do pensamento acadêmico sobre o jornalismo tem acompanhado a constituição deste fenômeno desde suas experiências iniciais a partir do século XVII. Jorge Pedro Souza (2007) localiza, em intelectuais a partir daquele século, uma abordagem das transformações que a sociedade passou com o surgimento do jornalismo e a necessidade de sua compreensão e crítica como fenômeno e discurso. Dois autores são considerados inaugurais para o desenvolvimento de uma teorização sobre o jornalismo: Tobias Peucer, que defendeu sua tese de doutorado sobre jornalismo em 1690 na Universidade de Leipzig, e Otto Groth (2011), que desenvolveu, na primeira metade do século XX, um conjunto de obras que contêm um conhecimento denso, conceitual, sistemático e autônomo sobre o jornalismo.

Beatriz Marocco e Christa Berger (2006; 2008) conseguiram reunir, em dois volumes, um compêndio de textos clássicos de pensadores do início do século XX que fundamentaram uma compreensão teórica sobre o jornalismo. Nestas fases iniciais da

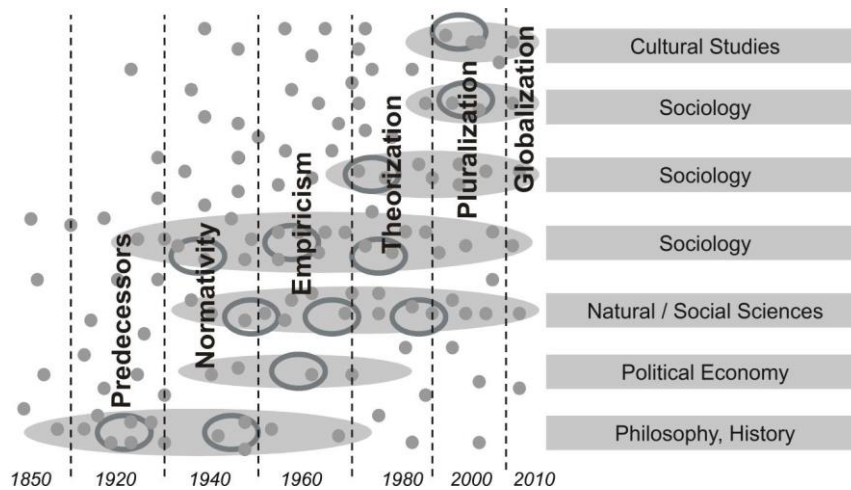
¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor doutor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, email: cfranciscato@uol.com.br.

pesquisa, é possível identificar o esforço pela formulação de conceitos próprios para explicar a especificidade do fenômeno jornalístico.

Löffelholz e Rothenberger (2011) constituíram um quadro explicativo procurando apresentar um movimento histórico de produção de conhecimento em jornalismo. Eles sistematizaram um grupo de disciplinas científicas que tem contribuído para configurar o jornalismo em sua especificidade em mais de um século de estudos (Quadro 1). Além de indicarem as vertentes disciplinares, a análise dos autores propõe fases dominantes nas pesquisas em jornalismo, alcançando modelos complexos contemporâneos.

QUADRO 1 – Origens disciplinares dos estudos de jornalismo



Fonte: Löffelholz e Rothenberger (2011, p. 10)

O quadro indica tanto a presença predominante de disciplinas clássicas que fundamentaram a produção de estudos sobre o jornalismo em determinados períodos como sinaliza, dentro das elipses em cinza claro, certas formas de tratamento do objeto. Algumas dessas perspectivas são apresentadas por Löffelholz e Rothenberger (2011, p. 10-11): individualismo normativo com origens na filosofia e na história, teorias materialistas de mídia derivadas da economia política, empiricismo analítico (e legitimístico) com base nas ciências naturais e sociais, teorias de ação, teorias de sistemas e teorias social-integrativas baseadas em abordagens sociológicas, e estudos culturais.

Em uma linha argumentativa semelhante, Zelizer (2004) havia localizado cinco disciplinas que seriam, ainda hoje, os fundamentos teóricos e metodológicos das pesquisas em jornalismo: Sociologia, História, Estudos de linguagem, Ciência Política e Estudos

culturais. Machado (2006) identifica nesta abordagem de Zelizer uma ausência em empreender um esforço de construção disciplinar de um conceito e de uma perspectiva específica de estudos em jornalismo. Ou seja: essas disciplinas geram tematizações específicas para explicar o fenômeno jornalístico, em uma aproximação que pode ser sistemática ou circunstancial, mas restrita a interpretações ou elaboração pontual de resultados, sem projeto disciplinar.

O movimento de investigação do fenômeno jornalístico, exemplificado nos estudos dos autores acima, serve como ponto de partida para a reflexão proposta neste *paper*. Queremos indicar uma forma de conduzir a discussão sobre a solidez, densidade, convergência, disciplinaridade ou cientificidade dos estudos em jornalismo (ou daquilo que comumente denominamos como “Teorias do Jornalismo”) executando um esforço de buscar um olhar mais ampliado sobre esse corpo de conhecimentos, sua constituição e configuração. Para isso, buscaremos uma aproximação com autores do campo da história e da filosofia da ciência, fazendo um recorte desta perspectiva apenas na busca de contribuições que possam nos auxiliar a caracterizar os estudos de jornalismo.

Traremos em discussão três importantes autores, suas premissas e propostas: Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Larry Laudan, recorrendo também a autores que buscam compreender a ciência a partir de uma perspectiva sociológica, como Pierre Bourdieu. Não faremos este movimento no centro dos debates epistemológicos da história das ciências, mas nos possíveis pontos-de-contato entre aspectos destas reflexões e os caminhos seguidos pelos investigadores em jornalismo.

Está no centro deste trabalho, portanto, discussões sobre disciplinaridade e seus cruzamentos inter ou transdisciplinares, fronteiras, formação do campo científico. Da mesma forma, está no horizonte deste trabalho abordar formas de constituição de núcleos epistemológicos (como visitados em conceitos de paradigma, teorias, campos, disciplinas), bem como as alternativas oferecidas por Lakatos, de pensar os movimentos das ciências como de constituição de programas de investigação científica, ou de Laudan ao pensar as tradições de pesquisa. É a partir deste horizonte de amplas questões que estimulamos uma reflexão sobre o lugar epistemológico dos estudos de jornalismo nas ciências.

Este *paper* é um trabalho de natureza especulativa e conceitual, executado na forma de pesquisa bibliográfica sobre trabalhos de referência destes autores e obras em jornalismo. Faremos a discussão em duas direções. Uma condução das discussões pretende

clarear minimamente o debate sobre a formação das ciências; outro, sobre a natureza e a conformação científica que os estudos de jornalismo podem alcançar.

1. Paradigma, campo e disciplina

Os debates nas últimas décadas sobre a formação do conhecimento científico em diversos campos do saber têm tido em Thomas Kuhn um dos participantes proeminentes, menos como interlocutor direto dos debates, mas principalmente pela contribuição que forneceu ao propor um modelo explicativo para o avanço das ciências, apresentado em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* (2009). A definição que ofereceu ao conceito de paradigma tem um efeito analítico eficaz para explicar a atuação de uma comunidade de cientistas comprometidos com movimentos de construção de consensos e sua consolidação como “ciência normal” (2009, p. 29) e, ao mesmo tempo, o surgimento de “crises” desta verdade baseada neste procedimento de validação do conhecimento para, em consequência, a construção de novos consensos.

Kuhn caracteriza um paradigma como um conjunto de pressupostos que proporcionam os fundamentos para a produção do conhecimento científico, na forma de leis, teorias e técnicas para aplicação e instrumentalização da produção de conhecimento que sejam aceitos e compartilhados pela comunidade científica. Em outras palavras, são “realizações científicas universalmente conhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (2009, p.13).

Quando uma comunidade científica adquire um paradigma, “adquire igualmente um critério para a escolha dos problemas que, enquanto o paradigma for aceito, podem ser considerados como dotados de uma solução possível” (Kuhn, 2009, p. 60). Nas instituições acadêmicas, o estabelecimento de um paradigma dominante se manifesta na criação de publicações especializadas, fundação de sociedade de especialistas e pela reivindicação de sua inserção nos currículos acadêmicos de estudo.

Giddens (1996) identifica, no modelo de Kuhn, uma ênfase excessiva na ideia de unidade interna de um paradigma, o que destoaria do desenvolvimento histórico das ciências sociais, baseado em escolas rivais normalmente enraizadas em diferenças epistemológicas. Além disso, o paradigma é concebido como um sistema fechado de premissas epistemológicas, o que não se adequa às ciências sociais, de base interpretativa, em que há variação de significados para objetos conceituais e fenômenos sociais.

Em Bourdieu (2004), a crítica a Kuhn é formulada como parte de um movimento de apresentação de um novo modelo de análise da construção do conhecimento, o campo científico. Bourdieu percebe na noção de paradigma uma centralidade a uma ideia de regras e normas inserido em uma perspectiva durkheimiana, o que dificulta a interpretação das mudanças propostas na análise das revoluções científicas (2004, p. 28-30). Em vez disso, reconhece, na concorrência, no conflito e nas lutas entre atores, os fatores que são determinantes no funcionamento de um campo social. O campo científico apresenta uma ideia de comunidade de cientistas, mas não homogênea, unificada ou voluntariamente centrada em uma norma geral que é o paradigma. O campo social funciona por oposições, e o científico pela oposição entre consenso e conflito (2004, p. 67-8).

São intrínsecas ao campo científico relações de força e de poder entre cientistas em posições institucionais diferenciadas em decorrência do capital simbólico que possuem (autoridade e produtividade acadêmicas). As relações de poder são manifestas na forma de posições desiguais dentro do campo científico e seu exercício implica um tipo de dominação simbólica. Assim, pesquisadores em posições dominantes em determinado campo científico exercem poder para definir, para todo o campo, procedimentos, temas, objetos e métodos, entre outros (2004, p. 89).

Expostos com brevidade, estes autores são ilustrativos para os desafios de se compreender as configurações e evoluções históricas das ciências, particularmente em funções das diferenças de tratamento e terminologias empregadas. Laudan (1993) exemplifica a variedade de termos utilizados para descrevem as transformações da ciência:

Um de nossos principais problemas foi que os escritos dos maiores teóricos da mudança científica estão fortemente carregados de termos técnicos. Em alguns casos, eles tomam a forma de neologismos: *paradigma* de Kuhn, *programa de pesquisa* de Lakatos, *tradição de pesquisa* de Laudan e *teoria global* de Feyerabend são apenas alguns dos exemplos mais familiares. Mas há uma abundante coleção de outros: em Kuhn, *ciência normal*, *crise*, *matriz disciplinar*, *ciência madura*, *ciência imatura* e *quebra-cabeças*, em Lakatos, *núcleo duro*, *heurísticas positiva e negativa*, *estratagema antimonstro*, *cinto de proteção* e *progresso empírico e teórico*-, em Laudan, *problema conceitual*, *contextos de aceitação e adoção*, *anomalia não-refutadora* e *modelo reticulado*. Embora extraídos da linguagem cotidiana, esses termos frequentemente recebem um sentido especial, de modo que seu conteúdo tencionado depende de uma elaboração e argumentação de apoio que as teses por nós depuradas não podem reproduzir completamente (LAUDAN, 1993, p. 10).

2. Fronteiras e seus cruzamentos na comunicação

Paradigma e campo, assim como ciência e disciplina, têm sido termos recorrentes para tentar definir a consolidação da área acadêmica de comunicação. Os membros desta comunidade têm executado um esforço, nas últimas décadas, de constituir um campo em um nível científico, acadêmico e institucional (ROMANCINI, 2006).

Este movimento passa, no entanto, pelo enfrentamento de questões que são também de ordem epistemológica. Martino (2003, p. 84) considera que um dos motivos da desconfiança sobre a cientificidade produzida no campo da comunicação é a ampla diferença entre saberes presentes no campo, oscilando entre uma perspectiva mais prática ou aplicada da comunicação, em que seu sentido disciplinar está fundado na dimensão da atividade comunicacional, e uma perspectiva transdisciplinar, em que a comunicação é, na verdade, um espaço de reflexão que se situa além de uma disciplina compartimentalizada.

A pretensão de unidade e coesão ao campo da comunicação, seja por meio de teorias, conceitos, objetos ou metodologias minimamente consensuais, é questionada por Bolaño (2008, p. 108-110), que rejeita a possibilidade de um paradigma unificador. Ao contrário, o autor defende que o campo poderia ter melhor caracterização com o reconhecimento da existência de paradigmas em disputa permanente. Nesta perspectiva, a questão passa pelas formas de co-habitação de grupos diferenciados e sua divisão em subcampos, especializações ou disciplinas. Por disciplina, seguiremos Bourdieu: “A disciplina é definida pela posse de um capital colectivo de métodos e conceitos especializados cujo domínio constitui o requisito de admissão tácito ou implícito no campo” (2004, p. 92).

A compreensão das disciplinas no ambiente científico indica duas questões importantes para o argumento que estamos desenvolvendo: as fronteiras e as intersecções disciplinares. Bourdieu enfatiza não o aspecto epistemológico envolvido na formação de disciplinas, mas a sua natureza institucional e relacional. As disciplinas se estabilizam em ambientes institucionais (laboratórios, departamentos, revistas, congressos) e direcionam a formação de processos de certificação de competências e premiações.

De um ponto de vista histórico, o campo da comunicação no Brasil tem executado um movimento de auto-constituição em uma dimensão epistemológica e acadêmico-institucional (departamentos, faculdades, congressos, associações, periódicos científicos, cursos de graduação, expansão de programas de pós-graduação etc). Nesse aspecto acadêmico-institucional, há um duplo movimento histórico. Por um lado, pela unificação do campo em eixos comuns que identificam as práticas profissionais da área como práticas

comunicacionais e, na pós-graduação, como o estabelecimento de critérios comuns para criação e avaliação de programas de pós-graduação.

Por outro lado, há um movimento de diversificação da área, em um esforço de constituição de subcampos especializados que reflitam a pluralidade de conhecimentos e perspectivas teóricas comunicacionais, assim como relações com outros campos do conhecimento científico. Na relação do campo da comunicação com outros campos científicos, Hohlfeldt (2004) não crê na permanência de uma situação hierarquizada, de dependência da comunicação com os demais campos, mas em uma “dialogia plena”.

3. Interações disciplinares nos estudos de jornalismo

Nesta linha de raciocínio, os estudos de jornalismo poderiam ser considerados como um subcampo, ou uma especialização, dentro da área da comunicação. É desta forma que Löffelholz e Rothenberger (2011) inserem essa corrente de investigação, ao questionar-se sobre suas possibilidades disciplinares, com epistemologias específicas, ou multidisciplinares:

Do nosso ponto de vista, os estudos de jornalismo seriam beneficiados no seu papel de subdomínio dado que os estudos de comunicação reúnem todas as áreas de pesquisa relacionadas com a mídia e comunicação, incluindo o jornalismo. Tanto os estudos de jornalismo quanto os estudos de comunicação têm estreitas ligações com a sociologia, psicologia, tecnologia da informação, linguística, literatura, ciência política e história, entre outros. Isto dá aos estudos de jornalismo a oportunidade de fazer uso das suas abordagens e experiências interdisciplinares apesar de seu *status* subdisciplinar. Além disso, a perspectiva mais ampla dos estudos de comunicação facilita a superação das fronteiras culturais, nacionais e disciplinares possibilitando uma verdadeira pesquisa global em jornalismo (WEAVER; LÖFFELHOLZ, 2008, p. 8). Finalmente, os estudos de comunicação transcendem diversas disciplinas e visam se tornarem uma das matérias acadêmicas axiais do século 21. Isto não é um obstáculo, mas uma oportunidade para os estudos de jornalismo (LÖFFELHOLZ e ROTHENBERGER, 2011, p. 28).

A perspectiva de afirmação como subdomínio da comunicação, no entanto, não dá conta em descrever e explicitar movimentos específicos executados pelos pesquisadores em jornalismo ao tentarem compreender com mais densidade e profundidade as características do seu objeto de estudo. Em pesquisa anterior (FRANCISCATO, 2013), fizemos uma leitura dos estudos de referência sobre a notícia e percebemos um duplo movimento: por um lado, o esforço de constituição de um conhecimento original, singular, convergente e articulado sobre a notícia, que se recortava das leituras gerais das abordagens comunicacionais; por outro lado, a percepção de um esforço intencional de transversalidade

na investigação, combinando inter, multi e transdisciplinaridade para agregar interpretações e formas de tratamento sedimentados por outras áreas de conhecimento.

Para avançarmos nessa discussão, podemos trazer os estudos de Imre Lakatos e Larry Laudan sobre a forma como eles fazem um deslocamento do que seria o eixo central da história das ciências. Em vez de conceberem as ciências como a sucessão de paradigmas ou teorias, ambos procuram trazer outros olhares analíticos. Lakatos define a história das ciências como a “história dos programas de investigação científica em lugar de ser a história das teorias” ou como “a história dos quadros conceituais e da linguagem científica” (LAKATOS, 1989, p. 52). Vamos explorar um pouco mais este argumento, e sua aplicabilidade sobre os estudos de jornalismo, antes de entrarmos em Laudan.

Investigar os programas de investigação científica significa evitar aprisionar o pensamento em torno das teorias como unidades analíticas para podermos constatar o vigor científico de determinada abordagem científica. Como vimos, Kuhn estabeleceu este diagnóstico de cientificidade na construção e perpetuação de paradigmas. Lakatos se distanciará da identificação ou não de teorias e procurará olhar que a construção do conhecimento se faz por meio de um duplo movimento “heurístico”. No primeiro momento, no esforço para o estabelecimento do que ele denomina como “núcleo firme” do programa de investigação científica (LAKATOS, 1989, p. 53-4).

Este núcleo firme seria uma espécie de princípios ou conceitos fundamentais que dão lógica e coerência a um pensamento científico, e o movimento da pesquisa deveria ser sempre o de preservá-lo e o consolidar. Assim, os cientistas, ao estabelecerem programas de investigação científica, não busca, então, olhar teorias como um conjunto totalizante. Em vez disso, seu trabalho é de consolidar esse núcleo firme como caminho para solidificar e densificar um pensamento científico.

Nas pesquisas, este núcleo não poderia ser colocado em causa. “Não deve ser operado um esforço lógico para negá-lo, pelo contrário deve-se criar um cinturão protetor em torno dele” (LAKATOS, 1989, p.54). Isto é, o que está permanentemente exposto a escrutínio científico é o que ele chama de “cinturão protetor”. Então, o segundo movimento “heurístico” destina-se a construir este cinturão protetor, pois será ele que as pesquisas irão desafiar. “Os questionamentos devem ser direcionados apenas para as hipóteses localizadas neste cinturão protetor, não ao núcleo firme” (LAKATOS, 1989, p.54). Este movimento heurístico consiste de “um conjunto, parcialmente estruturado, de sugestões ou pistas sobre

como mudar ou desenvolver as ‘versões refutáveis’ do programa de investigação, sobre como modificar e complicar o cinturão protetor refutável” (LAKATOS, 1989, p.54).

Já temos, aqui, ferramentas lógicas para estimular um tratamento argumentativo sobre os estudos de jornalismo. A primeira questão é discutir o que lhe daria coerência ou unidade a ponto de poder ganhar identidade para além das características fenomênicas do objeto de estudo. Ou seja, os estudos de jornalismo dedicam-se, por certo, sobre um objeto singular (aceitando-se que, em princípio, este objeto tenha uma singularidade em relação aos demais objetos comunicacionais), mas isto não é suficiente para demarcar a especificidade do campo de estudos.

Poderíamos também tentar afirmar esta especificidade dos estudos de jornalismo aplicando o conceito de “campo científico” de Bourdieu, apresentando-o como “campo do jornalismo” ou, mais especificamente, “campo acadêmico do jornalismo” ou “campo científico do jornalismo”, se quisermos, cada vez mais, recortar e precisar o objeto. Tal conceito poderia ser adequado para, em uma perspectiva ampliada, identificar um conjunto articulado de atores (individuais e organizacionais, ligados à formação profissional, setor produtivo ou pesquisa científica), conhecimentos (conceitual-acadêmicos e normativo-profissionais) e práticas de atuação e inserção sociais. Mas não consegue resolver os problemas lógicos da produção do conhecimento científico, portanto, o conceito de campo científico do jornalismo não consegue ser definido, na perspectiva de Bourdieu, a partir do rigor epistemológico.

Assim, buscando uma opção outra que a investigação do campo do jornalismo, poderíamos tentar dar forma aos estudos de jornalismo por meio da definição do conjunto de teorias que o integram (como falamos, um dos termos mais usados para afirmar esta identidade particular é o de “Teorias do Jornalismo”). Aqui, uma grande dificuldade se torna evidente: como recortar uma teoria para afirmá-la ser “do Jornalismo” e não de outro fenômeno comunicacional. Por exemplo, a teoria do agendamento (ou *agenda-setting*) não pode ser descolada de sua aplicabilidade a uma multiplicidade de fenômenos e questões que transcendem ao jornalismo. Mesmo os estudos de produção de notícias (*newsmaking*), com um amplo e eficaz volume de investigações empírica sobre um objeto jornalístico particular, apresenta fundamentos, princípios e metodologias que se articulam a visões transversais ou modos comuns de olhar outras rotinas e processos de produção.

Com a contribuição de Lakatos indicando a construção de um núcleo firme, instaura-se um mecanismo que sinaliza aos pesquisadores formas de dar e testar a solidez

dos conhecimentos científicos e possibilita um modo de descrever e interpretar o processo de produção de conhecimento. Podemos, portanto, levar esta proposta de abordagem como modo de compreender os estudos de jornalismo. A primeira questão é saber se podemos considerar a existência de um núcleo firme, que une em torno de si uma compreensão mínima do conhecimento sobre o jornalismo, introduzindo inclusive uma lógica de tratamento. Por núcleo firme do jornalismo poderíamos considerar a possibilidade de compreensões mínimas sobre o fenômeno jornalístico, bem como os conceitos que dão sustentação a estas compreensões.

É possível reconhecer, em alguns estudos sobre a notícia (FRANCISCATO, 2013) um esforço de constituição deste núcleo firme em obras como o de Lorenzo Gomis, *Teoría del periodismo - Cómo se forma el presente* (1991), e de Adelmo Genro Filho, *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo* (1987). Neles, compreender a notícia passa por constituir uma ordem discursiva original, própria, um núcleo comum de conceitos (acontecimento, atualidade, singularidade), em que o fator temporal é um dos principais elementos comuns às noções propostas. A notícia se destaca como fenômeno complexo não redutível nem igualável a outros fenômenos sociais. Ela é expressão específica de uma atividade singular que, em consequência, solicita uma construção conceitual específica, densificada.

Tal elaboração, no entanto, não é reconhecida como central aos estudos em jornalismo. Outras pesquisas sobre a notícia fazem movimentos transversais, partem de outros pressupostos, sustentam-se em núcleos firmes de outras disciplinas ou campos do conhecimento, esforçando-se para solidificá-los. Assim, não criam um círculo protetor em torno de um núcleo comum em jornalismo, espaço em que a validade empírica ou teórica dos conhecimentos poderia ser testada. É por isso, seguindo a linha de raciocínio de Lakatos, que os estudos em jornalismo ainda não constituíram um programa de investigação científica e não alcançam o estatuto de uma “ciência madura”:

a ciência madura consiste em programas de investigação que antecipam não só fatos novos como também, em um sentido importante, teorias auxiliares novas: a ciência madura (...) tem “poder heurístico”. Recordemos que, em uma heurística positiva de um programa de investigação poderoso, existe desde o começo um esquema geral sobre como construir os cinturões protetores: este poder heurístico gera a autonomia da ciência teórica (LAKATOS, 1989, p. 96).

Outro autor que pretendemos trazer para compreender a densidade teórica dos estudos de jornalismo é Larry Laudan e sua proposta de “a ciência é, em essência, uma

atividade de resolução de problemas” (1986, p. 39). O deslocamento desta compreensão pode ser manifesto em duas teses do autor: a primeira é que uma teoria é testada por sua capacidade de oferecer respostas aceitáveis e satisfatórias a perguntas relevantes; a segunda tese é de que mérito da teoria é atribuído exatamente caso alcance soluções adequadas a problemas relevantes, em vez de sua capacidade de ser “verdadeira”, “corroborada” ou “bem confirmada” (OSTERMANN *et alii*, 2008, p. 368-9).

Se a resolução de problemas é o movimento lógico para a constituição e solidez de um conhecimento científico, precisamos entender um pouco mais o que seriam esses problemas. Laudan destaca dois tipos: empíricos e teóricos. Existem três tipos de problemas empíricos (OSTERMANN *et alii*, 2008, p. 370-1): a) não resolvidos adequadamente por nenhuma teoria; b) já resolvidos satisfatoriamente por alguma teoria existente; e c) anômalos, não resolvidos pela teoria em questão, mas por outras teorias alternativas.

Os problemas conceituais são de dois tipos (OSTERMANN *et alii*, 2008, p. 373-4): a) problemas internos: quando uma teoria é logicamente inconsistente e, portanto, autocontraditória. Neste caso, surgem ambiguidades ou circularidades conceituais no âmbito da teoria; b) problemas externos: quando uma teoria é logicamente inconsistente com outra teoria aceita, em decorrência de questões normativas referentes à metodologia ou de dificuldades consequentes de diferentes visões de mundo sobre as quais as teorias concorrentes se sustentam.

Assim, a resolução de problemas é a unidade básica para identificar o progresso científico. A teoria é avaliada por sua efetividade global:

Esta se determina avaliando o número e a importância dos problemas empíricos que a teoria resolve, e “subtraindo” o número e a importância das anomalias e problemas conceituais que a teoria gera. Há progresso se, e somente se, a sucessão de teorias científicas em um domínio mostra um grau crescente de efetividade na resolução de problemas (OSTERMANN *et alii*, 2008, p. 375).

Após traçarmos um quadro bem simplificado de forma como Laudan qualifica e valoriza a produção do conhecimento científico (pela capacidade em resolver problemas), podemos aplicar esta visão para discutirmos se esta forma de abordagem encaixa-se com os desafios epistemológicos dos estudos sobre jornalismo. Há um primeiro indicativo de adequação: é reconhecível que, no desenvolvimento histórico do pensamento sobre o jornalismo, as manifestações concretas do objeto de estudo (o fenômeno jornalístico e suas intensas relações no ambiente social) têm oferecido à academia um leque de problemas,

principalmente em decorrência dos efeitos intensos que o jornalismo produz para a compreensão e ação no mundo por grande parte da população.

Assim, pesquisar em jornalismo tem sido uma resposta a uma demanda da experiência do jornalismo na sociedade. Os estudos em jornalismo debruçam-se predominantemente, então, sobre problemas empíricos não satisfatoriamente investigados por outros quadros teóricos: surgem e se consolidam para dar respostas a problemas socialmente relevantes cuja explicações de teorias alternativas não atendem ou são consistentes com as demandas.

É compreensível, portanto, que, por este viés de leitura do conhecimento produzido no jornalismo, os estudos de Adelmo Genro Filho e Lorenzo Gomis podem ter sido provocados por uma aguda percepção dos autores sobre as manifestações do jornalismo, levando-os a pensar sobre sua natureza. No caso de Adelmo, seu esforço é também o de enfrentar um problema conceitual, manifestado por sua crítica à inadequação das teorias dominantes no campo comunicação na metade do século XX para explicar o jornalismo e na forma com que ele contrapõe a ela um quadro conceitual marxista, reformulando e desenvolvendo sua aplicabilidade sobre o jornalismo.

O uso da perspectiva da resolução de problemas é também promissor aos estudos em jornalismo porque ela desafia os pesquisadores a olharem as “Teorias do Jornalismo” a partir de uma problematização desta diversidade teórica. Lembremos que o autor reforça que problemas conceituais são gerados quando teorias científicas de diferentes domínios estão em tensão, algo que é recorrente nesses estudos. Há aqui uma demanda por sistematização nos estudos de jornalismo a partir do conceito de interdisciplinaridade, multi e trans. Huutoniemi *et alii* (2010, p. 81) investigam a interdisciplinaridade por meio da superação de fronteiras conceituais e metodológicas entre campos de pesquisa, entendidos como comunidades de pesquisadores com um conjunto de questões ou problemas compartilhados, convergindo para um domínio de conhecimento.

Conforme esses autores, a perspectiva interdisciplinar busca a integração, desafiando fronteiras e estimulando intersecções, podendo ocorrer em um aspecto conceitual ou pragmático e se realizando em três níveis: a) envolvendo a integração entre dados empíricos gerados por diferentes métodos de coleta de dados, com vistas a enfrentar um problema de pesquisa interdisciplinar; b) integração ou combinação entre diferentes aplicações metodológicas, utilizadas em um contexto interdisciplinar; e c) síntese, contraste

ou combinação de conceitos e modelos, ou desenvolvimento de novas aplicações teóricas entre mais de um campo científico.

Há, portanto, um problema central nos estudos em jornalismo: avançar em uma compreensão deste fenômeno complexo trazendo várias disciplinas para poder compreendê-lo e, ao mesmo tempo, desenvolvendo formas de resolver problemas decorrentes de uma mera justaposição ou superposição de disciplinas. Para isso, não basta incorporar a perspectiva da interdisciplinaridade nas formas como ela se expandiu e penetrou em várias áreas do conhecimento a partir da década de 1990. É preciso superar visões normativas sobre essa perspectiva e rever, de forma mais sistemática, condições reais de estudos interdisciplinares qualificados.

Assim, para enfrentar tanto estes problemas conceituais citados por último quanto os problemas empíricos anteriores é necessário considerar que Laudan opera esta prática científica dentro de um quadro conceitual que ele denomina de “tradição de pesquisa”. Estas tradições seriam como que grandes linhas que singularizam certos métodos lógicos de pensamento e investigação. É dentro de certas tradições de pesquisa que teorias específicas são criadas e podem ser comparadas ou confrontadas. Abordar os estudos em jornalismo a partir da perspectiva de Laudan demanda refletir também a que tradições de pesquisa as teorias do jornalismo estão vinculadas e se desdobram.

4. Considerações finais

A visitação a autores de uma perspectiva de história e filosofia da ciência nos permitiu situar, com mais amplitude, alguns problemas que perpassam a constituição dos estudos de jornalismo. É aceito que o jornalismo, por se tratar de um fenômeno complexo e profundamente entranhado no cotidiano das sociedades, demanda um tratamento multidisciplinar. Em consequência, devido a um esforço de construção do campo acadêmico do jornalismo, esta presença de múltiplas disciplinas tem sido sistematizada na forma de “Teorias do Jornalismo”, o que gera identidade acadêmica e institucional, mas não supera as tensões entre estes elementos.

Uma das raízes dessas tensões tem sido, por exemplo, a ausência de um “núcleo firme”, nos termos de Lakatos, que possa ser considerado como eixo condensador da construção teórica e empírica. Sem este reconhecimento e preservação, conceitos fundamentais são expostos e colocados em dúvida ou suspensão, não permitindo uma consolidação epistemológica dos estudos de jornalismo.

Ao recorrermos a Laudan, encontramos sua formulação da “resolução de problemas” como expressão mais fiel da conformação dos estudos de jornalismo. Este tem sido um movimento dos pesquisadores em jornalismo a partir de reconhecimentos de demandas empíricas do mundo social e, em alguns casos, alcançando um nível de formulação teórica bastante sofisticado. Ao mesmo tempo, a perspectiva de Laudan, caso fosse adotada, exigiria tornar mais rigoroso e sofisticado o tratamento das interações disciplinares nos estudos de jornalismo, bem como a percepção de que tradições de pesquisa orientam as construções teóricas para, assim, superar as tensões decorrentes de encontros e cruzamentos disciplinares.

5. Referências

BERGER, C.; MAROCCO, B. (org.). **A Era Glacial do Jornalismo. Teorias Sociais da Imprensa. v. 2.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

BOLAÑO, César. A centralidade da chamada Economia Política da Comunicação (EPC) na construção do campo acadêmico da comunicação: uma contribuição crítica. In.: BOLAÑO, C. (org.). **Comunicação e a crítica da economia política: perspectivas teóricas e epistemológicas.** São Cristóvão: Editora UFS, 2008, p. 97-112

BOURDIEU, Pierre. **Para uma Sociologia da Ciência.** Lisboa, Edições 70, 2004.

FRANCISCATO, Carlos E.. As fronteiras dos estudos sobre jornalismo – uma análise a partir da notícia como objeto de estudo. **Anais do XXII Encontro Anual da Compós.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 4-7 jun 2013, p. 1-18.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre (RS): Tchê Editores, 1987.

GIDDENS, Anthony. **Novas Regras do Método Sociológico - Uma Crítica Positiva das Sociologias Compreensivas.** Lisboa: Gradiva, 1996.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo - Cómo se forma el presente.** Barcelona: Paidós, 1991.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido. Fundamentos da ciência dos jornais.** Petrópolis: Vozes, 2011.

HOHLFELDT, Antonio. Discutir as relações e não a eventual falta de identidade da comunicação social com outros campos de conhecimento. **E-compós**, 1, dez. 2004. Disponível em Internet: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/16/17>. Acesso em 12 ago. 2012.

HUUTONIEMI, Katri; KLEIN, Julie; BRUUNC, Henrik; HUKKINENA, Janne. Analyzing interdisciplinarity: Typology and indicators. **Research Policy**, 39, 2010, p. 79–88.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1989.

LAUDAN, Larry *et alii*. Mudança científica: modelos filosóficos e pesquisa histórica. **Estud. av.**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 7-89, Dec. 1993.

_____. **El progreso y sus problemas. Hacia una teoría del progreso científico**. Madrid: Ed Encuentro, 1986.

LÖFFELHOLZ, Martin; ROTHENBERGER, Liane. Continuum eclético, disciplina distinta ou subdomínio dos estudos de comunicação? Considerações teóricas e conclusões empíricas a respeito da disciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade dos estudos de jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. Vol. 7, N.1, 2011, p. 7-31.

MAROCCO, B.; BERGER, C. (org.). **A Era Glacial do Jornalismo. Teorias Sociais da Imprensa. v. 1**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTINO, Luiz. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

OSTERMANN, Fernanda *et alii*. Tradição de pesquisa quântica: uma interpretação na perspectiva da epistemologia de Larry Laudan. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. Vol 7 nº 2, 2008, p. 366-386.

ROMANCINI, Richard. **O campo científico da comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

SOUZA, Jorge Pedro. Pesquisa em jornalismo: O desbravamento do campo entre o século XVII e o século XIX. **bocc – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2007**. Disponível em Internet: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pesquisa-em-jornalismo.pdf>. Acesso em 05 de jan. 2010.

ZELIZER, Barbie. **Taking journalism seriously**. Thousand Oaks : Sage Publications, 2004.